

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e  
Sociedade (CDPA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas  
com a agricultura**  
**Período de Análise: 01 a 31 de Janeiro de 2008**  
**Área Temática: PAA - SAN**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal Folha de São Paulo  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da Abag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT

Assistente de Pesquisa: Karina Kato

Janeiro de 2008

## Índice

<b>Comida mais cara</b> - Celso Ming – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 05/01/2008.....	4
<b>Alta dos alimentos vai manter pressão sobre inflação em 2008</b> - Márcia De Chiara – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 05/01/2008 .....	5
<b>Alimentos puxaram alta de preços em 2007, diz Fipe</b> – Deise de Oliveira – Folha de São Paulo – Dinheiro – 05/01/2008.....	6
<b>Incluídas novas culturas no Programa de Garantia de Preços</b> – Sítio Eletrônico do MDA - 07/01/2008 .....	7
Produtos agrícolas representaram 40% da inflação - Sítio Eletrônico do MST – 09/01/2008 .....	8
<b>Alimentos elevaram IGP-DI a 7,89% em 2007</b> - Alessandra Saraiva – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 09/01/2008.....	9
<b>Alta dos preços dos alimentos pode durar, diz Banco Mundial</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 09/01/2008.....	11
<b>Feijão com arroz puxa a inflação</b> – O Globo – Capa – 09/01/2008.....	11
<b>Feijão com arroz pesa mais no bolso do brasileiro</b> - Liana Melo e Bruno Rosa – O Globo – Economia – 09/01/2008.....	11
<b>Alimento vai subir menos, diz ministro</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/01/2008	13
<b>PGPAF cobre 770 mil operações do Pronaf</b> – Sítio Eletrônico do MDA - 10/01/2008...	14
<b>IPC tem queda, mas ainda há pressão de alimentos</b> - Célia Froufe – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 11/01/2008.....	16
<b>Alimento faz inflação ter 1ª alta anual desde 2002</b> – Pedro Soares – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/01/2008.....	17
<b>Preços continuam em alta no campo</b> – Valor Econômico – Agronegócios - 15/01/2008	18
<b>Segunda Quinzena</b>	
<b>Estudo mostra que há 13 anos os alimentos seguram a inflação</b> – Sítio Eletrônico da CNA – 18/01/2008 .....	19

<b>Alimentos sobem menos no atacado e IGP-10 cai para 1,02% em janeiro</b> - Alessandra Saraiva – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 19/01/2008 .....	19
<b>Agricultura promissora</b> - Mailson da Nóbrega – Estado de São Paulo - Economia e Negócios – 20/01/2008.....	20
<b>Fome de lucro sobe preço dos alimentos, afirma MST</b> – Sitio Eletrônico do MST – 21/01/2008.....	22
<b>Preço de alimentos começa a cair no atacado e derruba prévia do IGP-M</b> – O Globo – Economia – 22/01/2007.....	22
<b>Preço de alimento deve se manter alto, diz FAO</b> – Folha de São Paulo – Ciência – 25/01/2008.....	23
<b>Alimento pressiona inflação em janeiro</b> - Cibelle Bouças – Valor Econômico – Brasil - 25/01/2008.....	24
<b>Preços agrícolas recuam no atacado de SP, diz RC</b> – Valor Econômico – Agronegócios - 29/01/2008.....	25
<b>Ministério disponibilizará R\$ 4,8 milhões para Banco de Alimentos</b> – Sitio Eletrônico do MDS – 31/01/2008 .....	26

O ano começou alertando para a cavalcada dos preços dos alimentos. Nos últimos trinta dias, as cotações da soja subiram 13,6%.

Quem opera os mercados tem explicações prontas: é a China que impôs um Imposto de Exportação sobre os alimentos que produz; são as previsões de seca na Argentina, grande produtora de grãos... e assim vai. Qualquer cisco no ar é motivo para alta.

Essas razões “pegam” no mercado porque as condições estruturais são de escassez. As estatísticas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda, na sigla em inglês) mostram que, nos dois últimos anos, o consumo mundial de grãos foi maior do que a produção e a diferença teve de ser completada com estoques. E as projeções para este ano mantêm o mesmo quadro.

Ao longo de 2007, os críticos acusaram os projetos de bioenergia de desviar grãos da alimentação para a produção de combustíveis. O impacto nos preços parece inevitável. Mas convém anotar que o uso de grãos para biocombustíveis vai crescer apenas 0,8% ao ano, enquanto o consumo para alimentação cresce entre 2% e 3%. O fator relevante é o aumento do consumo asiático, especialmente do chinês.

E não dá para ignorar a importância da água doce. Um cálculo da Embrapa Meio Ambiente aponta a necessidade de 1,5 mil a 3 mil litros de água para a obtenção de 1 quilo de grãos. Quem exporta alimentos, na prática, fornece água doce. A teoria econômica clássica diz que a melhor forma de garantir equilíbrio no mercado é deixar que a alta estimule a produção. Mas isso não acontece de um ano para outro. O aumento da produção agrícola exige investimentos de prazo longo. Desde já pode-se prever alguns efeitos importantes sobre a economia.

- (1) Inflação - A alimentação pesa 29,8% no bolso do consumidor médio brasileiro. Se os preços dispararam, é inevitável o impacto na inflação, o que exige ação do Banco Central. Os juros podem não cair quanto se pretende.
- (2) Mais exportação - Em 2007, a exportação da soja, milho e carnes rendeu US\$ 21,1 bilhões ou 13% do total das exportações. Preços mais altos vão esticar esses números.
- (3) Encarecimento da terra - O maior retorno para o agricultor puxará os preços das terras agricultáveis. Será inevitável maior conversão de pastagens para produção de alimentos.
- (4) Mais insumos - Sementes, fertilizantes, tratores, colheitadeiras e itens assim terão cada vez mais demanda.
- (5) Mais infra-estrutura - O Brasil não fará melhor proveito da boa fase se não tiver melhores estradas, portos e condições de armazenagem.
- (6) Transgênicos - A maior demanda por alimentos tende a afrouxar a resistência aos geneticamente modificados.

**Alta dos alimentos vai manter pressão sobre inflação em 2008** - Márcia De Chiara – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 05/01/2008

Comida foi a maior vilã do IPC-Fipe no ano passado, com o maior aumento desde 2002

2007 foi o ano da inflação dos alimentos e a comida deve continuar pressionando o custo de vida em 2008. O Índice de Preços ao Consumidor da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (IPC-Fipe) fechou 2007 com alta de 4,38%, bem superior à expectativa inicial, que era de 3,6%, e quase dois pontos percentuais acima da inflação acumulada em 2006, que havia sido de 2,55%.

Os preços dos alimentos subiram no ano passado 12,73%, depois de ficarem praticamente estáveis em 2006 (0,06%). Foi a maior variação registrada nos preços da comida desde 2002. Só os alimentos contribuíram para mais da metade (63,5%) da inflação de 2007. Dos cerca de 500 preços pesquisados para apurar o indicador, o feijão foi o líder absoluto de alta no ano: subiu 149,5% e respondeu por 10,02% do IPC-Fipe. Entre os 30 itens que registraram as maiores altas de preços no ano passado, apenas três não são alimentos.

“Se os preços dos alimentos tivessem ficado estáveis, o IPC-Fipe de 2007 teria sido de 1,62%”, calcula o coordenador do indicador, Márcio Nakane. Para 2008, ele diz que os alimentos vão continuar pressionando a inflação, não com a mesma intensidade de 2007. “Mas o comportamento dos preços da comida neste ano não será tão favorável como foi em 2006.”

Nakane observa que o cenário internacional para os alimentos continua apertado, com elevações significativas dos preços dos grãos, pressionados pela demanda crescente por agroenergia. Na quinta-feira, por exemplo, a cotação da soja, matéria-prima usada para engorda de frangos, suínos e bovinos, bateu recorde histórico na Bolsa de Chicago, nos Estados Unidos.

O economista diz que já existem indicações de que começa a ocorrer um certo alívio nos preços dos alimentos. “Temos vários indicadores que mostram que o pior já passou.” Um desses indicadores é o preço do feijão. No índice ponta a ponta, que é um indicador de tendência, o preço do grão, que havia subido 50,4% na terceira quadrissemana de dezembro, aumentou 38,4% na última quadrissemana do mês. A carne bovina, por sua vez, que havia aumentado 5,70% no índice ponta a ponta na terceira quadrissemana de dezembro, subiu 2,77% na última quadrissemana do mês. “A perspectiva é de que a elevação dos alimentos seja mais razoável em janeiro; essa é a boa notícia.”

De toda forma, a comida ainda foi a vilã do IPC-Fipe no mês passado. Para uma variação de 0,82% da inflação geral de dezembro, o grupo alimentação foi o que mais subiu: 2,02%, respondendo por 55,63% do IPC.

Além da alimentação, o outro foco de pressão do IPC no mês passado foram as despesas pessoais, que são basicamente serviços. Esse grupo subiu 1,18% em dezembro.

Nakane destaca que a maior contribuição para a alta veio dos preços das viagens, que subiram 6,69%. Ele considera o aumento sazonal. Em 2007, as despesas pessoais subiram 4,14% e, junto com alimentação, foram os dois grupos de preços, dos sete pesquisados pela Fipe, que não desaceleraram no ano passado na comparação com 2006.

Na análise de Nakane, a elevação das despesas pessoais não indica uma inflação de demanda. Os serviços no ano passado subiram 5,28%, depois dos produtos comercializáveis, influenciados pelos alimentos, que tiveram alta de 6,61%. O economista admite que houve uma mudança de nível de preços dos serviços em 2007, mas não acredita que esse movimento seja um foco de preocupação.

Para 2008, o palpite de Nakane é que o IPC-Fipe seja de 4% e o IPCA fique próximo de 4,5%. Nessas projeções preliminares ele considera uma leve desvalorização do câmbio e as tarifas mais pressionadas em razão da alta dos IGPs.

**Alimentos puxaram alta de preços em 2007, diz Fipe** – Deise de Oliveira – Folha de São Paulo – Dinheiro – 05/01/2008

**IPC fecha ano em 4,38%; preço do feijão sobe 149,5% e lidera variações - Em dezembro, gasto com alimentação pesa 55,6% no índice geral de 0,82%, mas pesquisa detecta reajustes em ritmo menos acelerado**

Os preços dos alimentos dispararam em 2007 e puxaram a inflação do IPC (Índice de Preço ao Consumidor), medido pela Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) em São Paulo. O índice fechou o ano em 4,38%. A variação de 12,73% dos alimentos foi a maior entre os sete grupos pesquisados.

O preço do feijão subiu 149,50% no ano e liderou os itens com as maiores variações no IPC em 2007. O produto foi o que mais contribuiu para a expansão do índice total, representando 10,02% do IPC.

Das maiores altas do ano passado, as 20 primeiras posições são de itens de alimentação. Atrás do feijão aparecem abacate, com variação de 127,21%, seguido por leite em pó (43,77%), limão (41,30%) e batata (40,30%).

Os dados da Fipe se somam ao IGP-M, da FGV (Fundação Getúlio Vargas), que apontou alta de 7,75% no ano pressionado pelos alimentos no atacado, e ao IPCA-15 (Índice de Preços ao Consumidor Amplo-15, prévia do IPCA) do IBGE, que subiu 4,36% em 2007. Impacto semelhante deverá se repetir, na próxima sexta-feira, com a divulgação do índice oficial de inflação, o IPCA.

"A boa notícia é que, aparentemente, alimentação fechou o ano em desaceleração. Veio forte em dezembro, com inflação de 2,02%. Ainda representou a maior variação e a

maior contribuição, de 55,6%, de todo o índice em dezembro. O pico em dezembro ocorreu na terceira quadrissemana do mês, de 2,44%, e depois desacelerou", disse Márcio Nakane, coordenador do IPC.

A tendência, segundo ele, é que a pressão sobre o preço do feijão também fique para trás. Em dezembro, o produto variou 42,34%. Segundo o indicador de ponta, das duas últimas prévias da Fipe para dezembro, o feijão já desacelerou, de 50,4% para 38,4%. Outras duas vedetes da expansão do IPC, a carne bovina e o leite também estão diminuindo o ritmo de alta. Esses itens acumularam elevação, ao longo do ano passado, de 18,88% e 16,42%, respectivamente.

"Os alimentos vão continuar com variação positiva em 2008, mas menos forte que no ano passado. Não vai ser tão grave quanto em 2007 nem tão favorável quanto em 2006 [alta de 0,06% no acumulado do ano]", disse Nakane. O preço dos grãos (trigo, milho e soja) no mercado internacional deve ser um fator de pressão inflacionária neste ano.

Para janeiro, Nakane prevê desaceleração do IPC geral -de 0,67% ante 0,82% em dezembro-, incluindo o grupo Alimentação, para 1,50% -ante alta de 1,75% em novembro e 2,02% em dezembro.

#### **Incluídas novas culturas no Programa de Garantia de Preços – Sítio Eletrônico do MDA - 07/01/2008**

Agricultores familiares que realizaram financiamentos de custeio no Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) para as culturas de castanha de caju e tomate contam, a partir deste mês, com bônus do Programa de Garantia de Preços para a Agricultura Familiar (PGPAF).

Os bônus foram divulgados por meio de Portaria da Secretaria de Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SAF/MDA), publicada nesta segunda-feira (7) no Diário Oficial da União (DOU). Eles têm validade para o período de 10 de janeiro a 9 de fevereiro, com valores específicos para cada atividade e por estado.

A inclusão de novas culturas cobertas pelo PGPAF é resultado do trabalho conjunto da SAF/MDA, Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e Ministério da Fazenda.

Com a inserção das novas culturas, o Programa passou a valorizar a diversidade produtiva da agricultura familiar em todo o País. Para o secretário da SAF/MDA, Adoniran Sanches, a inserção das novas culturas representa uma forte conquista para o Programa. "Estamos saindo dos produtos básicos e dando ênfase às especificidades regionais, um forte exemplo disto é a castanha de caju", avalia.

A castanha de caju tem seu maior bônus do PGPAF no estado do Piauí (40%), já que o preço médio do mercado foi de R\$ 0,72 e o preço de garantia foi de R\$ 1,20. Para os agricultores familiares que cultivam tomate, o bônus chega a 15,09% no Rio Grande do Sul, onde o preço médio do mercado foi de R\$ 0,45 e o preço de garantia foi de R\$ 0,53.

#### **Arroz em casca**

A portaria traz, também, bônus para a cultura do arroz em casca para a liquidação dos financiamentos do Pronaf nos estados de Santa Catarina (2,95%) e Rio Grande do Sul

(0,64%). Em Santa Catarina, o preço médio do mercado foi de R\$ 21,35 e o preço de garantia foi de R\$ 22,00.

O Programa

O PGPAF é uma garantia aos agricultores familiares de que seus financiamentos, no momento de serem pagos aos bancos, terão um desconto no valor financiado. Esse bônus é equivalente à diferença entre o custo de produção (preço de garantia) e o de comercialização (de mercado), caso este último esteja abaixo do custo de produção.

Dessa forma, garante-se que as famílias rurais não terão de se desfazer de seu patrimônio para pagar o financiamento quando os preços estiverem abaixo dos custos de produção. São amparadas atualmente pelo programa as culturas de arroz, milho, soja, feijão e mandioca, além da atividade leiteira.

O bônus é calculado mensalmente pela Conab, que faz um levantamento nas principais praças de comercialização dos produtos da agricultura familiar que integram o PGPAF. Os valores do bônus valem sempre a partir do dia 10 do mês corrente até o dia 9 do mês seguinte.

Arroz em casca

Bônus

Rio Grande do Sul - 0,64%

Santa Catarina - 2,95%

Castanha de caju

Bônus

Bahia - 33%

Ceará - 24,17%

Pernambuco - 16,67%

Piauí - 40%

Rio Grande do Norte - 13,33%

Tomate

Bônus

Espírito Santo - 7,55%

Minas Gerais - 3,77%

Pernambuco - 3,77%

Rio Grande do Sul - 15,09%

### **Produtos agrícolas representaram 40% da inflação - Sítio Eletrônico do MST – 09/01/2008**

Os produtos agrícolas representaram 40% da inflação no ano passado, que segundo o IGP-DI ficou em 7,89%, de acordo com estudo da FGV (Fundação Getúlio Vargas). De nove produtos que mais pesam na alta de preços no atacado, sete são alimentícios, como feijão, soja, milho e carne bovina.

Diferente de 2006, os alimentos puxaram os preços para cima e contribuíram para dobrar o índice de inflação. "Há uma demanda maior por alimentos e os preços foram ditados pelo comportamento do mercado externo, o que atingiu principalmente as commodities e teve efeitos sobre diversos produtos alimentícios", afirmou o coordenador da pesquisa da FGV André Braz.



O feijão foi o vilão da cesta básica, com inflação no varejo em 128,5% (quase 200% no atacado). A perspectiva para este ano é que os preços dos alimentos cresçam, mas em velocidade mais moderada, com o ajuste no mercado da oferta e demanda, que já pode ser observado pela desaceleração no mês de dezembro.

**Alimentos elevaram IGP-DI a 7,89% em 2007** - Alessandra Saraiva – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 09/01/2008

Índice apresentou a maior alta dos últimos 3 anos

Impulsionada pela disparada dos preços dos produtos agropecuários no atacado, a inflação medida pelo Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI) dobrou em 2007. O índice subiu 7,89% no ano passado, o maior em três anos, em comparação com 3,79% em 2006. A aceleração dos preços agropecuários também elevou a taxa de dezembro - 1,47%, ante 1,05% em novembro.

Entenda os principais índices de inflação

Para a Fundação Getúlio Vargas (FGV), as taxas refletem o período de auge dos aumentos de preços dos alimentos, que não devem continuar no mesmo ritmo este ano. Embora não seja mais usada para reajustar a tarifa de telefone, a taxa acumulada do IGP-DI ainda é usada como indexadora das dívidas dos Estados com a União.

Segundo o economista da FGV, André Braz, 40% do IGP-DI de 2007 teve origem no setor agropecuário. Nesse quadro, o, a inflação no atacado também dobrou, de 4,29% para 9,44%, de 2006 para 2007. Os produtos agropecuários mais caros também foram os responsáveis pela aceleração de preços no atacado, de novembro para dezembro (1,45% para 1,9%).

De acordo com Braz, 2007 foi um ano de inflação alta para todos os tipos de alimentos, em todo o mundo. Isso porque o consumo de alimentos aumentou na população mundial, sem que fosse acompanhado pela oferta.

Esse cenário também ajudou a puxar para cima a inflação no varejo, que atingiu 4,6% no ano passado - mais do que o dobro da apurada em 2006 (2,05%). De novembro para dezembro, os preços para o consumidor também aceleraram (de 0,27% para 0,7%), pelo mesmo motivo: o repasse das altas dos preços agrícolas no atacado para os preços dos alimentos no varejo.

Entretanto, na avaliação do economista, está havendo um ajuste entre a oferta e a demanda de alimentos, que deve desacelerar os preços do varejo e do atacado em 2008. “Além disso, as perspectivas de safras para este ano são bem positivas, o que deve aumentar a oferta dos produtos.” Janeiro, contudo, ainda deve ter inflação em alta, pelo menos no varejo.



**Alta dos preços dos alimentos pode durar, diz Banco Mundial** – Folha de São Paulo – Dinheiro – 09/01/2008

DA REDAÇÃO - Ao contrário do que aconteceu em outros períodos de alta nos preços dos alimentos, como na década de 70 e em 1995-96, o atual momento de elevados preços desses produtos pode durar mais que dois, três anos, segundo o Bird.

Para a instituição, a diferença agora é que o aumento nos preços dos alimentos está ligado diretamente aos custos de energia. Se os preços de energia continuarem altos, o Banco Mundial diz ser improvável uma queda significativa nos custos dos alimentos.

"No longo prazo, os estoques de alimentos devem subir, e os preços, cair, mas os aumentos nos preços devem continuar por muitos anos. Desta maneira, a maioria dos países não poderá proteger seus consumidores [dessas altas]", diz o documento do organismo.

A FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação) tem feito alertas sobre o uso de produtos agrícolas na fabricação de biocombustíveis. Para o diretor-geral da entidade da ONU, Jacques Diouf, a alta nos preços dos alimentos pode trazer "tensão social" para os países em desenvolvimento.

Com os altos preços do petróleo, que chegou a estar cotado a US\$ 100 na semana passada, muitos países têm investido na produção de biocombustíveis, o que fez com que muitos agricultores adotassem outras culturas, como milho e cana-de-açúcar, usadas na fabricação de álcool, por exemplo.

Vários países vêm adotando medidas para tentar restringir o impacto dos preços dos alimentos em suas economias. A China, por exemplo, cuja inflação atingiu o seu mais alto nível em 11 anos (6,9% em novembro passado), anunciou em dezembro o fim dos incentivos fiscais para exportações de 84 produtos agrícolas. Os preços dos alimentos, que representam aproximadamente um terço do índice de inflação chinês, aumentaram 18,2% no penúltimo mês de 2007.

**Feijão com arroz puxa a inflação** – O Globo – Capa – 09/01/2008

Base da alimentação do brasileiro, o feijão com arroz subiu 17,38% na inflação mensal calculada até 7 de janeiro pela FGV. Também subiram gastos com educação, leitura e recreação, segundo o IPC-S. O IGP-DI dobrou e fechou em 2007 em 7,89%. Página 21

**Feijão com arroz pesa mais no bolso do brasileiro** - Liana Melo e Bruno Rosa – O Globo – Economia – 09/01/2008

Prato subiu 17,38% no período de um mês encerrado em 7 de janeiro, segundo IPC-S. Índice da FGV é o maior desde 2005

O ano mal começou, e a inflação dá sinais de que pode continuar subindo. O Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S) calculado pela FGV para o período de 30 dias encerrado em 7 de janeiro teve variação de 0,89% — 0,19 ponto percentual acima do

período anterior, encerrado em 31 de dezembro, e a maior taxa registrada desde maio de 2005. O resultado foi influenciado pela alta dos alimentos in natura e pelo reajuste das mensalidades escolares.

De uma lista de 21 itens de alimentos, 15 ficaram mais caros entre 8 de dezembro de 2007 e 7 de janeiro de 2008. O tradicional feijão com arroz subiu 17,38%, e as frutas, 3,28%. Com a volta às aulas em fevereiro, os preços das mensalidades e de materiais escolares também já começaram a subir. O grupo educação, leitura e recreação, que já tinha subido 0,27% no mês de dezembro, registrou alta de 0,72% no período encerrado em 7 de janeiro.

Ainda assim, economistas como André Braz, da Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ), não apostam em picos inflacionários como os ocorridos em 2007, devido à aceleração de preços dos produtos agropecuários. Mas outras pressões inflacionárias virão dos serviços, comenta Gian Barbosa, da consultoria Tendências. Ainda que seja uma pressão sazonal, ele aposta em aumentos nos preços, por exemplo, de cinemas e hotéis.

A mesma opinião é compartilhada por Carlos Thadeu Filho, do Grupo de Conjuntura da UFRJ. Segundo as projeções do economista, os serviços devem ter altas próximas de 5% em 2008 — pouco acima da meta de inflação, de 4,5%. IGP-DI quase dobrou em 2007 com alta de agropecuários. O feijão foi o vilão da inflação em 2007. O produto fechou o ano em alta de 198,77%, no atacado. Os produtos agropecuários em geral responderam por 40% da inflação medida pelo Índice Geral de Preços Disponibilidade Interna (IGP-DI). Esse indicador praticamente dobrou em 2007, saltando de 3,79%, no ano anterior, para 7,89%.

O IGP-DI fechou dezembro em alta de 1,47%, a maior taxa desde março de 2003.

— A inflação dos alimentos em 2008 pode não ter a mesma magnitude da de 2007. Mas o consumidor ainda vai conviver com preços elevados. A inflação deve continuar a ser um problema em 2008 — analisa Sérgio Vale, da MB Associados.

Braz, da FGV, faz avaliação semelhante. Para ele, o ajuste entre oferta e demanda de alimentos já começou a ocorrer e deve provocar uma desaceleração gradual dos preços dos produtos agropecuários, no atacado, e dos alimentos, no varejo: — Os próximos resultados dos IGP-DI podem mostrar novos aumentos, mas não tão elevados quanto os do passado. Cimento subiu 18% em 2007, a maior alta desde 2002. Uma inflação na casa dos 4% é difícil de combater, mas não é uma ameaça, analisa Salomão Quadros, também da FGV. Ele não acredita que a inflação dispare em 2008. O que pode acontecer “é o brasileiro não ter os mesmos ganhos de renda”.

Outro item com impacto sobre o Índice Nacional da Construção Civil (INCC-DI), — com peso de 10% no IGP-DI — foi o cimento, que registrou em 2007 alta de 18,24%, a maior desde 2002, quando os preços do produto subiram 26,9%.

— Em 2001, o preço do cimento subiu 24,14%; em 2000, 14,85%, e em 1999, 31% — lembrou Braz, comentando que a alta dos preços do produto foi a principal responsável pela aceleração do INCC, que subiu de 5,04%, em 2006, para 6,15%, no ano passado.

**Alimento vai subir menos, diz ministro – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/01/2008**

**Stephanes, da Agricultura, descarta pressão nas taxas de inflação deste ano**

**Governo promete não tomar medidas para segurar os preços dos alimentos no mercado interno; colheita ameniza escassez de feijão**

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA - Após elogiar o novo patamar internacional dos preços agrícolas e divulgar projeções otimistas para a produção brasileira, o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, negou ontem que o preço dos alimentos represente pressão inflacionária ao longo deste ano. "Em 2008 vamos manter os atuais patamares de preço, não haverá pressão de inflação." O ministro afirmou que o governo não tomará medidas para segurar os preços dos alimentos no mercado interno.

Stephanes ressaltou que a cultura de feijão enfrentou problemas pontuais, como a baixa pluviosidade, mas disse que isso será resolvido com a colheita nos próximos meses. O ministro divulgou ontem projeções do agronegócio brasileiro até a safra de 2017/2018, levando em conta um cenário favorável de preços ao produtor brasileiro no mercado internacional e sem incluir nos cálculos variações relacionadas às mudanças climáticas.

Os dados indicam crescimento de 137% na produção de álcool, basicamente para o consumo interno, que deverá crescer 270% nos próximos dez anos. Até lá, o Brasil produzirá 41,6 bilhões de litros anualmente, consumindo 30 bilhões de litros. O restante irá para o mercado internacional, crescimento de 113% nos embarques. Até 2018, o Brasil também poderá ultrapassar os Estados Unidos, tornando-se o maior exportador mundial de soja.

A produção nacional de soja fecharia 2017/2018 em 75,3 milhões de toneladas, aumento de 52% em relação a hoje. No caso do milho, serão 64,1 milhões de toneladas plantadas e um consumo de 48,6 milhões.

Nas projeções do ministério, a expansão da agricultura e pecuária não prevê desmatamento da Amazônia. Os dados apontam avanço anual de 3,5% nos embarques de frango, de 6,2% na carne bovina, e 4,9% nos suínos.

O ministro admitiu que o governo não cumprirá totalmente a exigência europeia de rastreamento para a exportação de carne bovina em todas as fazendas do país. O país tentará liberar o maior número de propriedades vistoriadas.

Segundo Stephanes, os preços internacionais continuarão em alta por quatro motivos: 1) crescimento da economia mundial; 2) uso de produtos agrícolas como matéria-prima para biocombustíveis; 3) maior longevidade; e 4) mudanças climáticas e suas conseqüências para a agricultura.

O desempenho brasileiro ficará condicionado, de acordo com ele, à resolução de algumas pendências, como a renegociação de dívidas, aumento do crédito, implementação do seguro agrícola e obras para melhorar o escoamento da produção.

Stephanes afirmou que está mantido o calendário para renegociação das dívidas apesar do fim da CPMF. Segundo o ministro, o governo estuda uma maneira de "limpar" as dívidas dos excessos de encargos e de criar formas de pagamento de acordo com a capacidade do produtor. Não há detalhes.

### **PGPAF cobre 770 mil operações do Pronaf – Sítio Eletrônico do MDA - 10/01/2008**

O Programa de Garantia de Preços da Agricultura Familiar (PGPAF) é uma política pública que assegura às famílias agricultoras descontos no pagamento dos financiamentos do crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) quando os preços de venda dos produtos incluídos no programa estejam baixos. A coordenadora de financiamento e proteção da produção rural da Secretaria de Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SAF/MDA), Letícia Mendonça, explica que esse bônus de desconto é equivalente à diferença entre o custo de produção (preço de garantia) e o de comercialização (de mercado) e possibilita que as famílias vendam a sua produção ao mercado e consigam assim pagar o financiamento sem se endividar.

1. Por que surgiu a necessidade de criar o Programa de Garantia de Preços para Agricultura Familiar (PGPAF)?

Letícia: As políticas agrícolas eficientes, voltadas para o fortalecimento da agricultura familiar, devem atuar em vários âmbitos. São necessários instrumentos específicos para fomento e apoio à produção, assistência técnica, instrumentos de seguro, assim como instrumentos de apoio à comercialização. No atual governo, ampliar o âmbito de atuação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) tem sido uma meta a ser alcançada. Além do forte crescimento do crédito Pronaf, que passou a atender cerca de 1,7 milhão de famílias e aplicar R\$ 8,5 bilhões na safra 2006/2007, outras ações começaram a ser, então, estruturadas. Na safra 2003/2004, foram criadas a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Pnater), fundamentada em uma assistência à produção com bases agroecológicas, e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), fornecendo apoio à comercialização de vários produtos da agricultura familiar. Na Safra 2004/2005, foi a vez do Seguro da Agricultura Familiar (SEAF), que passou a proteger a produção das perdas climáticas e garantir uma renda mínima às famílias atingidas. Com todos esses instrumentos criados ainda faltava um mecanismo que protegesse a agricultura familiar dos riscos de flutuação de preços de mercado e do conseqüente endividamento e descapitalização. Daí a necessidade de criação do PGPAF.

2. O que está assegurado pelo Programa?

Letícia: O Programa cobre as operações de crédito de custeio do Pronaf relativas a onze produtos: arroz, café, cará, castanha de caju, feijão, inhame, leite, mandioca, milho, tomate, soja. Anualmente, o governo estabelece um preço de garantia para cada produto. O preço de garantia tem como base o custo de produção daquele produto. Quando o preço de mercado da cultura financiada for menor que o preço de garantia estabelecido pelo programa, a diferença percentual entre os dois valores é transformada em um bônus

equivalente, o qual é descontado do financiamento contratado. Interessante é que a família agricultora não precisa fazer nada para aderir ao Programa. Basta ir ao banco e, no momento de pagar o financiamento de custeio do Pronaf, caso haja bônus para o seu produto naquele mês, esse valor será automaticamente descontado da sua dívida e, o que sobrar, é o que efetivamente será pago para famílias agricultoras.

3. Como é feita a escolhas das culturas?

Letícia: Até o ano de 2007, o PGPAF garantia cobertura aos financiamentos de custeio das culturas do arroz, feijão, mandioca, milho, soja e leite. Naquele momento inicial, a escolha buscou contemplar tanto as culturas mais financiadas pela agricultura familiar como aquelas com importância para garantir a segurança alimentar. A partir de 2008, ampliamos os produtos assegurados e incluímos as culturas do café, caju, inhame, tomate e cará, que são significativas especialmente para agricultura familiar das regiões Norte, Nordeste e Sudeste. Dessa vez, o principal critério para introdução de novas culturas no programa foi garantir maior cobertura aos financiamentos daquelas regiões. Atualmente, o PGPAF está assegurando 86% dos contratos de custeio do Pronaf.

4. Todo o mês as culturas incluídas no PGPAF poderão ter bônus?

Letícia: Isso depende do comportamento dos preços de mercado. No ano de 2007, as culturas do feijão e arroz tiveram pagamento de bônus em alguns meses do ano. Por outro lado, em nenhum mês foram registrados bônus para soja e mandioca, também cobertos pelo programa. Tudo depende do comportamento dos preços agrícolas. O importante é que a família agricultora saiba que se, no momento da venda do seu produto, esse estiver abaixo do preço de garantia assegurado pelo governo, ela terá direito ao bônus e poderá vender sua produção no mercado e com essa renda não enfrentará dificuldades de quitar seu financiamento e, por conseguinte, de acessar novos créditos do Pronaf.

5. Como está sendo a receptividade dos agricultores ao Programa?

Letícia: Hoje, são cerca de 770 mil operações de custeio do Pronaf cobertas pelo PGPAF. Isso tem dado mais segurança às famílias para produzir e diminuído as possibilidades de inadimplência por problemas de queda nos preços. Muitas vezes as famílias acabavam se desfazendo de parte do capital que acumularam para poder quitar os seus financiamentos, pois apenas a venda do produto não garantia renda suficiente. Com o PGPAF isso mudou. Os movimentos sociais analisam o programa de forma muito positiva.

6. O que se estuda para aperfeiçoamento e avanços do PGPAF ?

Letícia: O grau de cobertura é elevado, mas estamos estudando a introdução de novas culturas e, até mesmo, a possibilidade de ampliação do programa para novas modalidades do crédito Pronaf. Acreditamos que o PGPAF tende mesmo a crescer e se consolidar como um importante instrumento de política agrícola para fortalecimento da agricultura familiar brasileira.

**IPC tem queda, mas ainda há pressão de alimentos** - Célia Froufe – Estado de São Paulo  
– Economia e Negócios – 11/01/2008

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) abriu o ano em ligeira queda na cidade de São Paulo. Na primeira quadrissemana de janeiro, o índice teve variação de 0,81% ante 0,82% no fechamento de dezembro, informou a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). O resultado ficou dentro das previsões dos analistas, que iam de 0,70% a 0,90%.

O coordenador do IPC-Fipe, Marcio Nakane, revisou sua projeção para a inflação na capital paulista em janeiro de 0,66% para 0,85%. A mudança foi motivada pela pressão dos grupos educação e alimentação, principalmente dos produtos in natura. Neste início de ano, esse subgrupo saiu de uma queda de 0,65% para uma leve alta de 0,09%. Para o consumidor, a elevação foi mais forte - de 0,32% no fim de dezembro para 5,28% agora.

Por enquanto, Nakane mantém sua projeção de inflação de 4% neste ano. “Talvez seja o caso de revisar esse número após a primeira divulgação fechada de 2007.” Ele acredita que a demanda vai continuar aquecida em 2008, ainda por causa do aumento da renda e da maior atenção do Banco Central (BC) aos preços. “Não podemos esquecer que o BC está olhando para isso e é até provável que a Selic (taxa básica de juros) suba no segundo semestre”, disse.

Nakane ressaltou que, dependendo do comportamento dos preços na primeira metade do ano, a alta da taxa de juros poderá até vir antes, no primeiro semestre. “Este ano, o cenário não está tão tranquilo para a inflação”, avaliou.

Entre os pontos de incerteza, ele destacou a possibilidade de um racionamento de energia elétrica e fatores climáticos, que costumam interferir diretamente sobre os preços dos alimentos.

O coordenador do IPC-Fipe disse ainda que não espera uma contribuição tão positiva para a inflação dos preços monitorados e do câmbio quanto no ano passado. “Se houver algum frescor, virá do grupo alimentação, que em 2007 foi excepcionalmente ruim, fora do padrão”, afirmou.



**Alimento faz inflação ter 1ª alta anual desde 2002** – Pedro Soares – Folha de São Paulo – Dinheiro – 12/01/2008

**Índice fica em 4,46% em 2007 e quase ultrapassa centro da meta do governo**

**Dezembro fecha com alta de 0,74% no IPCA e IBGE vê mais pressão dos alimentos em 2008; valorização do real impede estouro da meta**

Grandes vilões da inflação em 2007, os alimentos subiram 10,79% e levaram o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) a fechar o ano com alta de 4,46%. O índice por pouco não estourou o centro da meta do governo -de 4,5%, com intervalo de dois pontos percentuais para cima ou para baixo.

Em 2006, o índice, usado para balizar a política monetária, havia fechado em 3,14%. A alta em 2007 interrompe trajetória de queda iniciada em 2002.

Pressionados por aumento de preço de commodities e leite, clima desfavorável e expansão da renda e do poder de compra que aumentam a demanda, os alimentos tiveram a maior alta desde 2002 (19,47%). Em 2006, subiram só 1,22% e ajudaram a conter a inflação.

Por causa do choque dos alimentos, especialistas corrigiram suas expectativas de inflação ao longo do ano. No começo de 2007, o consenso apontava para taxa pouco acima de 3%.

Em 2007, o IPCA só não subiu mais graças ao efeito benéfico do câmbio que segurou especialmente preços administrados, como tarifas de energia e telefone, de eletrodomésticos (recuou 1,84%) e TV, som e informática (-9,93%), o que atenuou a pressão dos alimentos. "Os alimentos foram a vedete de 2007. Foi o grupo que mais subiu e o de maior contribuição para o IPCA, correspondendo à praticamente metade da taxa ", disse Eulina Nunes dos Santos, coordenadora de Índices de Preço do IBGE.

Em 2007, o grupo alimentação representou 2,21 pontos percentuais do IPCA. Os itens de maior impacto foram carnes (alta de 22,15%), leite e derivados (19,79%) e feijão (109,2%, em média). Sozinhos, os três contribuíram com 1,06 ponto percentual da inflação do ano.

Em dezembro, mais uma vez, o grupo alimentação turbinou a inflação, que subiu 0,74%, puxada pelo aumento de 2,06% do grupo alimentação -o maior desde janeiro de 2003 (2,15%). Só as carnes registraram avanço de 8,20% em apenas um mês.

E o pior é que não se espera um arrefecimento dos preços no início deste ano. "A inflação deve continuar pressionada. Não há perspectiva de retorno dos preços dos alimentos", disse Nunes dos Santos.

Por trás da alta dos alimentos, disse ela, está o maior consumo mundial especialmente de países emergentes e o crescente uso das lavouras para a produção de álcool.

Segundo ela, os EUA destinaram mais área para o milho usado na fabricação de álcool. Com isso, afirmou, sobrou menos terra para o cultivo da soja, e os preços dos dois produtos subiram. Como são commodities, a alta afetou todo o mundo.

Os alimentos também aumentaram na esteira do maior consumo e de problemas climáticos enfrentados em diversos países. Um exemplo foi a Austrália, onde houve quebra de safra de leite e trigo principalmente. Com a menor oferta desses itens, os preços também cresceram. No Brasil, o clima afetou especialmente o feijão, produto cujo preço saltou de cerca de R\$ 2 o quilo no início de 2007 para até R\$ 8 em algumas regiões.

**Âncora cambial** - Não fosse o dólar, a inflação teria superado o centro da meta do governo, alerta o economista Luiz Roberto Cunha: "O IPCA teria superado os 5%".

Âncora da inflação em 2007, quando recuou 16,85% em relação ao real, o dólar segurou preços de importados e de produtos nacionais que passaram a concorrer com similares do exterior. Determinou ainda aumentos menores de preços administrados e tarifas públicas, atreladas aos IGPs de 2006, que subiram menos em razão do dólar baixo.

A principal pressão negativa veio da energia elétrica - queda de 6,16%. O conjunto dos administrados teve impacto de 0,51 ponto no IPCA de 2007, menos do que o 1,38 ponto de 2006.

#### **Preços continuam em alta no campo – Valor Econômico – Agronegócios - 15/01/2008**

O índice de preços recebidos pelos produtores agropecuários de São Paulo (IqPR) pesquisado pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) - vinculado à Secretaria de Agricultura do Estado - começou 2008 como encerrou o ano passado: em alta, num claro sinal de que a pressão do campo sobre a inflação dificilmente arrefecerá nas próximas semanas.

Conforme levantamento divulgado ontem, o indicador registrou alta de 2,84% na primeira quadrissemana do mês, puxada pelo comportamento das cotações no grupo formado por seis produtos de origem animal - que, em média, subiu 3,13%. Aumentaram a carne suína (19,08%), ovos (18,63%) e carne de frango (2,59%). Houve quedas para leite C (5,13%), leite B (1,15%) e carne bovina (0,1%).

No grupo de 14 produtos de origem vegetal - que, em média, teve alta de 2,73% -, os destaques foram a banana nanica (40,15%), tomate para mesa (15,01%), laranja para indústria (10,27%) e laranja para mesa (9,2%), além das quedas de batata (27,98%) e feijão (5,37%). A cana, com forte peso no indicador, recuou 0,07%. Apesar da leve variação, não fosse esta baixa o IqPR teria subido 4,88% na primeira quadrissemana de janeiro.

Mais em [www.iea.sp.gov.br](http://www.iea.sp.gov.br)

**Estudo mostra que há 13 anos os alimentos seguram a inflação** – Sítio Eletrônico da CNA – 18/01/2008

Muito se tem falado sobre suposta responsabilidade dos alimentos na pressão inflacionária dos últimos anos, mas os últimos dados do IBGE mostram que os verdadeiros vilões da inflação são os setores da comunicação (telefone e correios), com alta de 663% desde o início do Plano Real, e da habitação (aluguel, energia elétrica e gás), que subiu 440% no período, contra uma inflação medida pelo IPCA em 218,63%. O grupo dos alimentos e bebidas fica em sétimo lugar, com alta de 162%, ou seja, abaixo da inflação oficial do período. [Veja a íntegra do documento do Departamento Técnico-Econômico da Faep.](#)

**Alimentos sobem menos no atacado e IGP-10 cai para 1,02% em janeiro** - Alessandra Saraiva – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 19/01/2008

Inflação, que em dezembro havia sido de 1,59%, perdeu força e deve desacelerar ainda mais em fevereiro

Com os preços dos alimentos subindo menos no atacado, a inflação medida pelo Índice Geral de Preços - 10 (IGP-10) perdeu força e ficou em 1,02% em janeiro, abaixo da taxa de dezembro (1,59%). Segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV), o cenário é positivo também para o próximo resultado, em fevereiro - que deve ser menor do que no primeiro mês do ano.

“A perda de força na elevação dos preços dos produtos agrícolas no atacado deve continuar”, disse o coordenador de Análises Econômicas da fundação, Salomão Quadros, acrescentando que essa influência deve ser suficiente para manter o IGP-10 em desaceleração.

Entre os destaques de aumentos mais fracos e até mesmo deflações, estão produtos de grande peso na formação da inflação do setor atacadista - que também subiu menos (de 2,15% para 1,17%), e têm maior peso no IGP-10, entre os três pesquisados. Isso, segundo Quadros, ajudou a baixar o índice.

No atacado, a inflação no setor alimentício perdeu fôlego tanto no caso dos in natura (de 8,54% para 1,87%) quanto nos alimentos processados (de 3,39% para 0,49%). “O feijão foi um dos grandes destaques no atacado”, disse, acrescentando que a alta no preço desse item passou de 46,89% em dezembro para 0,91% em janeiro.

Outro segmento, no atacado, que também ajudou a manter a inflação em desaceleração foi o de commodities agrícolas. É o caso das elevações de preços menos intensas, e até mesmo quedas, em milho em grão (de 19% para 1,01%); bovinos (de 10,83% para -2,12%) e soja em grão (de 6,05% para 4,77%).

Porém, o setor atacadista foi único com inflação mais fraca, entre os pesquisados. De dezembro para janeiro, houve acelerações de preços na construção civil (de 0,33% para 0,55%) e no varejo (0,54% para 0,81%).

**CONSUMIDOR** - A inflação no varejo em janeiro foi a mais intensa em quase três anos, e mais forte para esse mês em cinco anos. Segundo o economista da FGV, o cenário de preços altos para o consumidor teve como causas dois fatores principais: o impacto de reajustes em preços que normalmente aumentam nesta época, como mensalidades escolares; e uma forte pressão originada dos alimentos.

Sobre esse último fator, Quadros diz que somente agora a influência da disparada nos preços dos alimentos no atacado em dezembro está se fazendo sentir, de forma mais forte, no varejo. Por isso, houve aceleração expressiva no grupo alimentação (de 1,42% para 1,84%), de dezembro para janeiro, para o consumidor. Mas, segundo ele, atualmente os preços de importantes produtos agrícolas estão subindo menos no atacado.

**Agricultura promissora** - Mailson da Nóbrega – Estado de São Paulo - Economia e Negócios – 20/01/2008

Reportagem de Márcia De Chiara (Estado, 13/1/2008) mostrou o vigor da nossa agricultura e os recordes de produção e renda esperados para esta safra. Salvo se o clima for desfavorável nas próximas semanas, a colheita poderá chegar a 139 milhões de toneladas. A agricultura reafirma sua importância na economia brasileira.

A agricultura foi o primo pobre nos tempos em que a Cepal influenciava as políticas públicas no Brasil. O argentino Raul Prebisch, seu primeiro dirigente, sustentara que o comércio exterior (e assim a agricultura) não favorecia o crescimento. Prova disso teria sido a deterioração dos termos de intercâmbio da América Latina - então exportadora de produtos primários - do fim do século 19 até os anos 1940.

Prebisch se baseou em limitadas evidências. Sua tese não se confirmou, mas foi a origem de estratégias de industrialização por substituição de importações, sob a liderança do Estado. Mercados fechados e intervenção estatal na economia constituíram os alicerces do nacional-desenvolvimentismo. A industrialização era importante, mas a fé no seu poder transformador foi exagerada.

A agricultura tinha pouca relevância no nacional-desenvolvimentismo. Merecia basicamente subsídios creditícios generalizados. Dizia-se que era assim em todo o mundo (um equívoco). O crédito dependia de arranjo institucional atrasado, que transformou o Banco do Brasil e o Banco Central nas principais fontes de oferta de recursos para o setor.

A ênfase no crédito obscureceu o papel das áreas de educação, saúde, pesquisa agropecuária, extensão rural e infra-estrutura. O crédito rural “compensava” a ausência dessas políticas. A produtividade pouco freqüentava o discurso oficial.

A situação começou a mudar em 1973, com a criação da Embrapa. Continuou em 1986 e 1987 com a eliminação da “conta de movimento” no BB e das funções de fomento do BC, respectivamente. Houve quem dissesse que o fim desses mecanismos levaria a agricultura, então produzindo 52 mil toneladas, ao colapso (outro equívoco).

As pesquisas da Embrapa e o fim do subsídio creditício geraram uma revolução. As pesquisas viabilizaram a exploração dos cerrados e expandiram a produtividade das lavouras, mediante novas variedades e técnicas de plantio direto. Melhoraram a eficiência no manejo dos rebanhos e na produção de carnes, que aumentou muito, ao mesmo tempo em que diminuía a área de pastagens.

O fim do subsídio eliminou desperdícios e corrupção. As novas rodovias, a profissionalização no campo e a criação de produtos financeiros asseguraram a expansão da fronteira agrícola, a geração de incentivos de mercado ao setor e a competitividade da agricultura.

Sem dispor, na agricultura, de ações como as da política industrial, tornamo-nos uma potência agrícola. Segundo o IBGE, nos últimos dez anos a área plantada cresceu 83,5%. Ao contrário do que se disse lá atrás, suas exportações, movidas a tecnologia e capitalismo, geraram desenvolvimento. Teria sido melhor se o governo tivesse melhorado a infra-estrutura e apoiado a vigilância sanitária.

A agricultura brasileira está preparada para um novo salto, decorrente do desenvolvimento da China e da Índia e da correspondente elevação da demanda por alimentos e matérias-primas rurais. Como se sabe, o enriquecimento aumenta o consumo de proteínas, particularmente de carnes, enquanto a elevação de sua produção incrementa a demanda de cereais para a alimentação dos rebanhos.

Segundo a *The Economist*, a era do alimento barato acabou por causa dos ganhos de renda dos chineses e indianos e do uso do milho para a produção de etanol. Será uma ruptura. O índice de preços dos alimentos em 2005, calculado pelo FMI, era ligeiramente inferior ao de 1974; ou seja, queda real de 75% em 30 anos. Não mais.

Mesmo que o governo não faça a sua parte, incluindo negociações internacionais bem focalizadas para incrementar o comércio exterior, a agricultura tem tudo para se beneficiar dessa nova realidade.

Detemos o maior potencial de expansão eficiente da fronteira agrícola e de crescimento sustentável da produção de etanol. Nossos produtores são competentes. É crescente a influência do mercado na alocação dos recursos e nas decisões estratégicas. A agricultura é uma das mais promissoras áreas da nossa economia.

**Mailson da Nóbrega é ex-ministro da Fazenda e sócio da Tendências Consultoria Integrada (e-mail: [mnobrega@tendencias.com.br](mailto:mnobrega@tendencias.com.br))**

**Fome de lucro sobe preço dos alimentos, afirma MST – Sítio Eletrônico do MST – 21/01/2008**

Cotação da comida é decidida por 50 multins, que a transformam em commodity

A escalada dos preços dos alimentos deve-se ao cartel que controla os preços das commodities, e não ao aumento da demanda mundial. A avaliação é de José Batista de Oliveira, integrante da coordenação nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Em entrevista exclusiva ao MM, Oliveira denuncia que apenas 50 empresas transnacionais controlam toda a produção agrícola no mundo. Para ele, "não tem nada a ver com a demanda" o fato de o preço dos alimentos estar em alta no mundo inteiro.

O dirigente do MST salienta ainda que o oligopólio do setor de alimentos tem o poder de influenciar a política econômica que influencia a vida de 180 milhões de brasileiros.

"A influência desse setor sobre a política econômica do governo Lula é por meio do Banco Central, que monitora as taxas de juros e a taxa de câmbio", observa Oliveira.

Ainda de acordo com a avaliação do dirigente do MST, a alta dos preços dos alimentos também está ligada à especulação e à utilização de parte da terra para produzir etanol.

**Preço de alimentos começa a cair no atacado e derruba prévia do IGP-M – O Globo – Economia – 22/01/2007**

Índice teve alta de 0,93%. No varejo, porém, não houve desaceleração. A segunda prévia do Índice Geral de Preços Mercado (IGP-M) no mês, divulgada ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), teve alta de 0,93%, indicando que os preços continuaram subindo, mas com menos intensidade, entre os dias 21 de dezembro e 10 de janeiro. No mesmo período do mês anterior, o índice variou 1,54%. Nos últimos 12 meses, a expansão é de 8,21%.

A desaceleração da inflação medida pelo IGP-M foi provocada pela variação menor dos preços cobrados no atacado: a alta de 1,06% foi quase a metade da registrada no mesmo período do mês anterior (2,08%). O destaque foi o grupo de matérias-primas brutas, cuja variação caiu de 4,74% para 2,48%, principalmente por causa dos itens bovinos (9,77% para -4,36%), milho (16,85% para -2,64%) e soja (5,90% para 3,17%), e do grupo de bens finais, que praticamente não apresentou variação, registrando alta de 0,02% ante 2,09% no mês anterior.

A desaceleração dos preços no atacado, entretanto, ainda não repercutiu no varejo: o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) aumentou, passando de 0,58% para 0,77%. Mas o coordenador de Análises Econômicas da FGV, Salomão Quadros, prevê que essa tendência de queda observada no atacado deve influenciar o preço dos alimentos no supermercado a partir de agora: — Os repasses do atacado vão desacelerar o preço das carnes e do óleo de soja. Mas os alimentos in natura, que estão fora do ciclo industrial, tendem a ficar mais caros por causa do forte calor e das chuvas de janeiro. As frutas já tiveram aumento, passando de -0,9% para 4,78%.

Para o consumidor, além da pressão dos alimentos (que subiram 1,73%), o aumento de 0,86% dos serviços de educação também contribuiu para a alta do IPC. Os cursos formais, que não apresentaram variação na medição anterior, aumentaram 1,28%.

Se a crise atingir a China, 'commodities' podem cair. Apesar da desvalorização de commodities como petróleo e metais registrada ontem por temores de uma recessão dos EUA, Salomão Quadros diz que ainda não é possível prever uma queda repentina no preço da soja ou do minério de ferro, produtos de exportação brasileiros.

Para o economista, isso só vai ocorrer se a China — grande consumidora de matérias-primas — for muito afetada pela recessão.

— Acho difícil ter uma queda brusca do preço da soja, mas não é uma hipótese descartável, pois ainda não é possível prever a intensidade da crise. Se o EUA diminuirmos suas importações de produtos chineses e, por isso, a China parar de comprar soja, então o preço vai desabar — explica Quadros.

**Preço de alimento deve se manter alto, diz FAO** – Folha de São Paulo – Ciência – 25/01/2008

### **Para ONU, nem desaceleração interrompe altas**

DA REUTERS - Uma desaceleração econômica mundial e uma possível recessão nos Estados Unidos e em outros países ricos não vão afetar fortemente a tendência de alta no preço dos alimentos, pelo menos a curto prazo, afirmou ontem em Davos o diretor-geral da Organização da Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO).

Jacques Diouf disse em entrevista durante o Fórum Econômico Mundial que os fundamentos que provocaram o aumento dos preços dos alimentos nos últimos meses - mudanças climáticas, demanda em ascensão dos países emergentes, procura interna por biocombustíveis e crescimento populacional- seguem os mesmos, independentemente das turbulências internacionais.

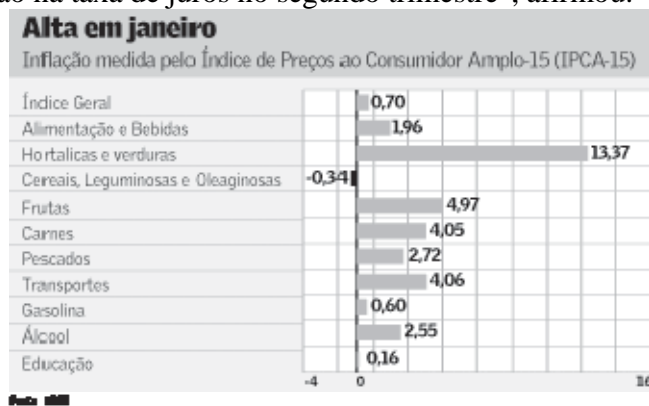
"Mesmo que haja um desaquecimento na economia e vejamos as pessoas diminuindo o consumo, certamente não será em alimentos", afirmou Diouf. Para ele, os preços de outras commodities vão cair antes dos produtos agrícolas.

## Alimento pressiona inflação em janeiro - Cibelle Bouças – Valor Econômico – Brasil - 25/01/2008

O Índice de Preços ao Consumidor Amplo-15 (IPCA-15) de janeiro subiu menos que em dezembro, mas ainda assim preocupa economistas. No mês, a alta foi de 0,7%, ante 0,74% na medição anterior. No acumulado de 12 meses, o índice registra alta de 4,55%, contra 4,36% no ano de 2007. "A variação ficou dentro do esperado, mas ainda assim é muito superior ao que deveria ser para termos uma inflação de ano dentro dos 4,5%", avaliou Rafael Castro, economista da LCA Consultores. Ele estima que a variação média mensal deveria ser de 0,36% para manter a meta do Banco Central (Bacen).

Para Fábio Silveira, sócio da RC Consultores, o IPCA ainda incorpora os aumentos nos preços do atacado registrados no fim de 2007, mas agora com menor intensidade, o que deve garantir um índice fechado no mês entre 0,55% e 0,60%. "Essa ainda não é uma marca confortável, mas a tendência é de uma inflação mais gorda até março, com pressão de alimentos e mensalidades escolares", afirmou Silveira. A RC prevê para os 12 meses encerrados em março um IPC-A acumulado entre 4,8% e 5%, com desaceleração a partir de abril devido à tendência de queda nos preços de commodities.

Em janeiro, o grupo alimentos mais uma vez contribuiu para a alta da inflação, com variação de 1,96% em janeiro, ante 1,73% no mês anterior, tendo contribuição de 0,42 ponto percentual no IPCA-15. Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados, observou que foram mais significativas as altas nos preços de produto in natura como tomate (20,91%), frutas (4,97%) e ovos (6,31%), que neste período são mais suscetíveis ao clima. Mas itens de maior peso desaceleraram, como carne bovina (de 8,78% para 4,05%) e frango (de 4,92% para 3,99%). "A desaceleração em carnes, arroz e feijão vai ajudar a conter o IPC-A, que deve ficar em 0,5% em janeiro", disse. Segundo o economista, o desempenho da inflação acumulada em 12 meses até março será fundamental para a definição da política monetária do Banco Central. A MB estima uma inflação em 4,6% em 12 meses até março, ante previsão do Bacen de 4%. "O Banco Central terá que fazer uma correção e, dependendo dos efeitos da crise imobiliária americana, a tendência é que haja elevação na taxa de juros no segundo trimestre", afirmou.



"Se a crise imobiliária dos Estados Unidos se agravar, ela pode provocar fuga de capitais, desvalorização do real frente ao dólar e pressão inflacionária. O quadro ainda não é claro", afirmou Luís Fernando Azevedo, da Rosenberg & Associados. Ele prevê para janeiro leve desaceleração nos preços de alimentos na segunda quinzena, com o IPC-A fechando a 0,6%.



Na semana de 22 de janeiro, o Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S) apurado em sete capitais registrou uma alta de 0,98%, 0,06 ponto percentual acima da taxa divulgada na semana anterior. Como era esperado, a variação foi influenciada sobretudo pela alta nos preços de alimentos in natura e pelos reajustes nas mensalidades escolares.

"A pressão foi maior, concentrada em alguns itens. No fim de 2007, houve um aumento muito generalizado em alimentos, principalmente os de maior peso no índice, como feijão e carnes", comparou André Furtado Braz, economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Outro fator que contribuiu para a melhora do índice foi a desaceleração nos preços dos combustíveis. Em São Paulo, a gasolina teve queda de 0,05%, ante alta de 0,11% na semana anterior. O álcool variou 2,33%, ante 4,96% no índice anterior. No Rio, a gasolina subiu 0,17%, ante 0,43% e o álcool, 1,53%, ante 2,06% na medição anterior.

Ainda segundo Braz, o comportamento dos alimentos foram responsáveis pelas diferenças do IPC-S nas capitais. Em Porto Alegre, que teve a menor variação (0,48%), hortaliças tiveram queda de 7,08% na semana anterior e de 2,69% nessa semana. Em Salvador, que teve alta de 1,67%, o preço do feijão subiu acima de 50%, a cebola variou 21,33% e o tomate, 19,7%. "A pressão de alimentos ficou dentro da média histórica para o período", afirmou Braz. Conforme a FGV, também registraram alta no IPC-S Brasília (1,17%), Recife (1,07%), Rio de Janeiro (0,94%), São Paulo (0,91%) e Belo Horizonte (0,83%).

#### **Preços agrícolas recuam no atacado de SP, diz RC – Valor Econômico – Agronegócios - 29/01/2008**

O índice da RC Consultores que mede o comportamento dos preços de uma cesta de 17 produtos agropecuários no atacado de São Paulo encerrou o intervalo entre os dias 18 e 25 de janeiro com variação negativa de 1,4% na comparação com a semana móvel imediatamente anterior.

Com isso, o indicador passou a acumular, em janeiro, uma retração de 0,8% em relação ao resultado médio apurado pela consultoria em dezembro. Se a queda mensal for confirmada, será a primeira desde junho de 2007. De lá para cá o índice só subiu, com destaque para as valorizações de 7,5% em agosto e de 7,1% em novembro.

Na semana passada, as principais retrações de preços captadas pela RC foram as do tomate (20,4%), do milho (10,3%) e do suíno (9,5%). Também recuaram as cotações de ovos (4,6%), frango abatido (2,3%), café (0,9%) e soja (0,7%). Leite (tipos B e C) e laranja não variaram, de acordo com o levantamento da consultoria. Em contrapartida, houve altas para feijão (8,9%), arroz (4,9%), batata (3,4%), açúcar (3,2%), trigo (1,4%), algodão (0,2%) e boi gordo (0,1%).

No acumulado deste mês de janeiro, a batata registra a maior queda na comparação à média de dezembro passado (14,9%), enquanto o tomate apresenta a maior valorização (39,8%).

**Ministério disponibilizará R\$ 4,8 milhões para Banco de Alimentos – Site Eletrônico do MDS – 31/01/2008**

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome publicou na edição desta quinta-feira (31/01) do Diário Oficial da União edital que disponibilizará R\$ 4,8 milhões para implantação ou modernização de Banco de Alimentos. O MDS apóia estas unidades em 82 municípios de 18 Estados da Federação, sendo 45 unidades já em funcionamento, totalizando mais de R\$ 10 milhões transferidos desde 2003. Estes Bancos atendem um total mensal de 1.130 entidades assistenciais, beneficiando 362 mil pessoas por mês.

Os Bancos de Alimentos exercem importante papel na articulação intersetorial das ações de Segurança Alimentar e Nutricional nos territórios urbanos. Nesses espaços podem ser realizadas atividades de capacitação profissional, desenvolvimento comunitário, inclusão produtiva cooperativa das famílias, promoção da saúde, educação alimentar, oficinas de aproveitamento integral dos alimentos, além de realização de campanhas educativas. Através do MDS, o Governo Federal apóia a construção, ampliação, reforma e conclusão do prédio, aquisição de equipamentos, materiais permanentes e de consumo.

Neste edital, podem concorrer municípios com população superior a 100 mil habitantes ou governos estaduais que possuam centrais e companhias de abastecimento e armazenamento a eles subordinados. As propostas devem ser relacionadas à implantação de novas unidades ou modernização de unidades já existentes.

Os interessados devem encaminhar ao MDS documentação de habilitação, tais como ofício de solicitação e encaminhamento da proposta, documentação do imóvel onde se pretende implantar ou modernizar o Banco de Alimentos, ata de aprovação por um Conselho Municipal, equipe técnica local para desenvolvimento dos projetos, entre outros. Os projetos devem ser feitos com base nos materiais de orientação disponibilizados no endereço eletrônico [www.mds.gov.br](http://www.mds.gov.br), link Programa Banco de Alimentos.

Os critérios de pontuação para o Edital são semelhantes aos utilizados para Restaurantes Populares e se baseiam nos percentuais de famílias em situação de risco alimentar, atendimento do Bolsa Família, caracterização regional (priorizando capitais, regiões metropolitanas e Semi-Árido) e desenvolvimento da rede de equipamentos públicos de Segurança Alimentar e Nutricional.

A publicação do Edital objetiva reforçar o atendimento à população de grandes centros e periferias urbanas com grande contingente populacional, principalmente em situação de risco alimentar e nutricional. Outro objetivo é contribuir com a redução do desperdício de alimentos, promoção de hábitos alimentares saudáveis e mobilização social.

A data-limite para postagem da proposta para habilitação é 11 de março de 2008 e a divulgação do resultado, com publicação do Diário Oficial da União e no site do MDS, dia 07 de abril de 2008.

**Coordenador**  
Sergio Leite

**Pesquisadores**

Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf e Lauro Mattei

**Assistentes de Pesquisa**

Karina Kato e Silvia Zimmermann

**Secretária**

Diva de Faria

**op**  
**pa** **Observatório de Políticas**  
**Públicas para a Agricultura**

**CPDA** Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade  
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda

**Apoio**



**actionaid**



Ministério do  
Desenvolvimento Agrário

